

CESAR CAEJON

TUDO O QUE A LUZ ALCANÇA



 Planeta

CEJ

CESAR CAEJON

TUDO O QUE A LUZ ALCANÇA



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Cesar Calejon, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Ana Maria Fiorini e Luana Negraes
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Capa: Fabio Oliveira
Arte de capa: Emerson Rocha

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Calejon, Cesar
Tudo o que a luz alcança / Cesar Calejon. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2026.
160 p.

ISBN 978-85-422-4355-0

1. Ficção brasileira I. Título

26-2700 CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Loretta VF
e impresso pela Lis Gráfica para a
Editora Planeta do Brasil em julho de 2026.

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Seis anos antes, Rael tinha vinte e quatro anos e acabara de concluir a faculdade de administração. Seu pai, João, o queria à frente da construtora da família, a Saz Gaez. Era por isso que Rael tinha desistido da fotografia, que, nas palavras de João, era “coisa de maconheiro”. Pelo mesmo motivo ele havia deixado de escrever poesia e de ler livros de história e sociologia (embora os retomasse de vez em nunca). Agora formado, estava prestes a, mais uma vez, satisfazer os desejos do pai.

João Saz Gaez era seco, amargo e pragmático. Para ele, somente o dinheiro, o status e o poder importavam. Todo o resto era coisa de “esquerdista”, “maconeiro”, “viado”, “perdedor”. Com frequência, dizia que Rael tinha sorte porque herdaria “uma joia”. Mimava e humilhava o filho na mesma proporção. Oferecia uma vida luxuosa, mas nunca deixava de ressaltar o quão dependente o primogênito era daquela condição; o filho era um “playboy”. A única influência que Rael tinha absorvido do pai sem contestação era a paixão pelo xadrez – “um jogo de intelectuais”, segundo João – e pelo poder.

Não à toa, Rael estava agitado quando decidiu chamar, em cima da hora, os três amigos da faculdade, Marcel, Flávio e Caio, para participarem dos atos de junho de 2013. Ele tinha visto as manifestações pela televisão – mais de um milhão e meio de pessoas nas ruas em centenas de cidades do Brasil – e não queria ficar de fora.

Rael sempre tivera interesse por coisas assim. Desde pequeno, era questionador e curioso. Quando adolescente, gostava de tirar fotos e escrever poesia sobre instantes cotidianos que testemunhava nas ruas de São Paulo, o que provocava desentendimentos com seu pai. Rael não entendia por que e, na verdade, seu pai também não. João sentia que o comportamento excessivamente questionador do filho o irritava.

Em outro canto da cidade, na favela de Heliópolis, seu lar desde o nascimento, Jorge estava de olho na mobilização popular fazia algum tempo, e seu interesse pela política só fazia crescer.

Mestre em sociologia, Jorge foi o primeiro da sua família, os Silva, a ter curso superior. Sua mãe, Dona Ana, tinha percorrido ainda criança com os pais, em um caminhão pau de arara, os mais de dois mil e quinhentos quilômetros que separam São Paulo de Marajá do Sena, no Maranhão. Em busca de trabalho, os Silva tinham migrado para o Sudeste e ajudado a construir, literalmente, a maior cidade da região. Todos os homens da família de Jorge trabalharam na construção civil da capital paulista. Dona Ana decidira, desde o nascimento do filho, que com ele seria diferente.

Lavando toneladas de roupas e fazendo faxina em “casas de família” de bairros como Ipiranga, Aclimação e Vila Mariana, Dona Ana investiu o que foi possível na educação do filho, já que o pai de Jorge morrera num acidente de trabalho, quando o balancim no qual estava despencou do quinto andar do prédio. Jorge tinha sete anos. Dona Ana, que nunca mais se casou, criou Jorge e o irmão dois anos mais novo, Cláudio, sozinha. As dificuldades da mãe exerceram função determinante na escolha de Jorge pela sociologia.

Agora, ele queria entender o que exatamente os manifestantes reivindicavam.

Por volta de três e meia da tarde, na porta da estação Faria Lima do metrô, dois adolescentes chamaram sua atenção. Um deles exibia um cartaz com os dizeres O MUNDO SE MANIFESTANDO E VOCÊ ACHA QUE É SÓ POR R\$ 0,20. O outro tinha o rosto pintado de verde e amarelo. Jorge puxou conversa: que ideia eles estavam defendendo? O garoto que segurava o cartaz respondeu:

— O mundo está mudando. As pessoas estão mudando.

— Como? — Jorge perguntou.

O garoto sorriu.

— Eu não sei exatamente. Acho que ninguém sabe.

As perguntas de Jorge, a resposta que ouviu e todo o cenário atraíram a atenção de Rael, que estava a poucos metros dali, esperando seus amigos chegarem para se juntarem à manifestação. Quando os garotos se afastaram, Rael comentou com Jorge:

— Eles não sabem o que estão fazendo aqui, né? A gente também não sabe!

— Parece que não — respondeu Jorge, um pouco surpreso pela abordagem do rapaz desconhecido.

— Por quê? — perguntou Rael, de um jeito meio seco.

— Por que o quê?

— Por que a gente não sabe bem o que está fazendo aqui? O que você acha que está acontecendo? — insistiu Rael.

— A democracia representativa está em crise no mundo. Quando foi que você ganhou seu primeiro smartphone? Foi em algum momento nos últimos três anos, certo? — inferiu Jorge.

— Sim.

Jorge prosseguiu:

— Pensa comigo. Nesses últimos três anos, as redes sociais e a internet colocaram em xeque a democracia representativa. Antes, um representante falava em nome do povo que votava nele. Agora, não é bem assim. As pessoas podem postar conteúdo e dar opinião sobre absolutamente tudo na internet, tá ligado? Ou seja, a gente consome informação diferente de antes. As pessoas têm mais protagonismo, falam o que pensam sem intermediário, e daí começam a questionar a participação delas na política pública e na vida social. Pra que votar em alguém pra falar por mim se eu falo por mim mesmo, entende? Todo mundo se torna rei quando não existem mais peões! E mais: o Estado nacional também tá em xeque, em crise no mundo todo. Esse vácuo de poder e representatividade tá criando a ascensão de uma espécie de Internacional do neofascismo no século XXI, cortesia dos bilionários.

Rael ficou um pouco atordoado com a explicação.

— Quem é você? — indagou, com o olhar fixo nos olhos de Jorge.

— Jorge. Prazer. — Ele estendeu a mão.

Antes que Rael pudesse apertar a mão de Jorge e se apresentar, Marcel, Flávio e Caio apareceram correndo e gritando:

— Que porra é essa? — berrou Flávio, faixa preta de jiu-jítsu, a um passo de partir para cima de Jorge.

Acostumado com esse tipo de situação, Jorge fez um gesto negativo com a cabeça e levantou as mãos antes de se afastar. Rael colocou-se entre ele e Flávio:

— Tá maluco, cara? Eu é que te pergunto: que porra é essa?

— Eu achei que...

— Achou errado! Eu estou conversando com um amigo aqui!

— Amigo? Ele?

— Sim, meu *amigo*. Prazer, Jorge. Meu nome é Rael. — E enfim esticou a mão para cumprimentá-lo.

Jorge levantou as sobrancelhas, desconfiado, mas apertou a mão de Rael. Constrangidos, Flávio, Marcel e Caio murmuraram o que poderia ser confundido com pedidos de desculpas e saíram andando na frente, enquanto Rael caminhava com Jorge na manifestação. Ele queria ouvir o que o novo amigo pensava sobre aquele momento. E desejava saber quem era a figura que acabara de conhecer.

— Você mora perto? O que veio fazer aqui hoje?

Jorge achou curioso o interesse.

— Não. Eu moro no Heliópolis. Estou aqui hoje para estudar. Sou professor de sociologia.

— Sociólogo?!

— Sim. Pouco comum, né? Por isso seus amigos acharam que eu estava te roubando, talvez?

Rael sentiu vergonha.

— Sim. Você tem razão. Perdão... por eles e por mim. Acontece quase automaticamente, eu acho. Joga xadrez? Você falou em “reis e peões”, então...

Jorge percebeu ali uma oportunidade.

— Sim. Eu sou enxadrista.

Jorge era a personificação que negava, quase subitamente, todos os estereótipos que João e seu entorno haviam introjetado em Rael ao longo de toda a sua vida.

— Me fala mais sobre o que você acha que está acontecendo — Rael insistiu.

— Brasil, Itália, Argentina, Armênia, Índia, Espanha, Turquia, Egito e dezenas de países tiveram grandes protestos este ano. Das revoluções árabes aos movimentos *Occupy*, houve um aumento significativo nos protestos populares nos últimos dois anos. A corrupção, a recessão econômica, a pobreza, a fome e a repressão política desempenharam um papel para catalisar essa agitação social. Mas tudo indica que nós estamos testemunhando uma nova tendência no surgimento de movimentos de protestos difusos e menos focados, que agora chamamos de “revoluções

coloridas”. Elas são um tipo de arma política do neofascismo, que explora o ódio, a incerteza e as crises do capitalismo através da internet. Sacou?

A cabeça de Rael explodiu em sinapses. Ele apenas assentiu com um movimento de cabeça.

— Olha só, Rael. Você reparou que os cartazes que as pessoas carregam trazem mensagens que não têm muito a ver umas com as outras?

Rael olhou ao redor, observando os diferentes gritos de guerra e a diversidade de pautas, que variavam à medida que eles caminhavam.

— Eles estão protestando contra as PECs 33 e 37, contra a cura gay. Estão reivindicando mais qualidade no ensino, na saúde e na educação — Jorge continuou. — São contra os gastos com a Copa das Confederações da FIFA, com a Copa do Mundo. Estão pedindo o fim da corrupção, a reforma tributária. Notou isso?

Rael não tinha reparado, mas fez que sim com a cabeça.

— Então, é disso que estou falando. Existe essa dimensão de indignação no ar, mas ninguém entende bem os motivos dessa raiva e insatisfação.

Rael permaneceu em silêncio. Estava fascinado.

Coube a Jorge continuar a conversa.

— Mas me fala de você. Mora por aqui?

— Mais ou menos. Eu moro na Barão de Capane-ma. Conhece?

Jorge sinalizou que sim. Ele sabia muito sobre os nomes das ruas, estradas, palácios, praças, monumentos e todos os símbolos aristocráticos e coloniais de São Paulo: Monumento às Bandeiras, Borba Gato, Rodovia dos Bandeirantes, Palácio dos Bandeirantes, Fernão Dias, Anhanguera, Raposo Tavares, Castello Branco, José de Anchieta. Semanticamente – Jorge sabia desde que começara a estudar sociologia –, a cidade de São Paulo estava organizada para enaltecer assassinos. Ele costumava dizer que não era preciso ser doutor em semiótica para se dar conta disso.

— Trabalha com o quê, Rael?

— Eu acabei de me formar em administração e...

Mentalmente, Jorge revirou os olhos.

— ... eu acho que vou trabalhar na empresa da minha família, a Saz Gaez.

— A Saz Gaez é da sua família?

— Sim.

A Saz Gaez era conhecida por burlar e superfaturar contratos públicos e estava envolvida em processos de gentrificação em diversas comunidades da capital. Fundada por imigrantes espanhóis no fim do século XIX, era um dos marcos da cidade. Antonio Saz Gaez, tataravô de Rael, chegara na década de 1920 e montara uma pequena marcenaria, que, um século depois, seria uma das maiores construtoras do país. Ao longo de sua história, os negócios da empresa haviam

crescido, contribuindo para a urbanização de São Paulo, que na época de sua fundação parecia mais uma vila de interior. Jorge se perguntava quanta grana os Saz Gaez tinham ganhado esses anos todos e quantos trabalhadores haviam padecido até a morte nesse processo secular.

Era por conta disso que Dona Ana estava farta dos discursos sobre “trabalho duro e visão empreendedora”, “meritocracia”. “Quero ver filho de rico lavando roupa que nem eu, aí a gente vai saber quem é quem”, ela costumava dizer.

Ao longo dos anos seguintes, Jorge falaria de todas essas e muitas outras questões para Rael, sempre um ouvinte atento. A despeito de ter nascido no seio da alta burguesia nacional, Rael era uma esponja, sempre ávido por conhecer novos mundos.

As Jornadas de Junho transformariam não só o rumo do país, mas também a vida de ambos. Desde o encontro casual na porta da estação do metrô, os dois se tornariam grandes amigos. Vivida entre muitas partidas de xadrez, essa amizade seria decisiva para o curso das trajetórias de Jorge e Rael.

EM UM BRASIL TOMADO PELA
ASCENSÃO DO EXTREMISMO E PELO
COLAPSO DAS RELAÇÕES HUMANAS,
DOIS JOVENS IMPROVÁVEIS SE
ENCONTRAM NO OLHO DO FURACÃO

Rael nasceu cercado de riqueza, privilégios e silêncio. Herdeiro de uma das maiores construtoras do país, cresceu sob a influência brutal de um pai que acredita apenas no dinheiro e no poder. Jorge veio de Heliópolis. Filho de uma trabalhadora doméstica, transformou a sociologia, o xadrez e a leitura em armas para compreender um país construído sobre desigualdades históricas.

Quando os dois se cruzam durante as manifestações de 2013, nasce uma amizade capaz de atravessar classes sociais, ideologias e traumas pessoais. Mas o que começa como troca intelectual rapidamente se transforma em algo maior: Jorge se torna uma figura pública depois de humilhar, diante da elite brasileira, um dos homens mais poderosos do país. Esse embate redefine a vida dos amigos para sempre.

No centro da narrativa, porém, está a deterioração humana provocada pela ambição, vaidade e busca incessante por poder. Enquanto Rael tenta reconstruir sua identidade em meio à ruína emocional causada pelo colapso de seu relacionamento e por tensões familiares, Jorge percebe que a fama e a influência também carregam perigos terríveis. Entre jogos, disputas políticas, manipulações midiáticas e tragédias pessoais, o romance constrói um retrato sombrio do Brasil contemporâneo, revelando como a luz que ilumina também expõe e corrompe tudo o que alcança.



Planeta



9 788542 243550